

release do disco Sollo, de Leandro Lehart

Hermano Vianna

2000

Meu lugar preferido em São Paulo é o Green Express, na avenida Rio Branco, toda Sexta-feira, quando acontece a Noite da Nostalgia. Ao atravessar a pista de dança pela primeira vez, esbarrando em casais negros elegantíssimos que rodopiavam ao som de rock dos anos 50 e samba-soul dos anos 70, meu pensamento ficou submerso numa avalanche de imagens históricas que se sucediam na velocidade máxima da luz estroboscópica. Antes de passar pelo bar, muito antes de chegar ao alucinante sebo de LPs, já tinha embarcado num túnel do tempo particular que me levou para um passeio frenético pelos momentos mais disparatados da história da cultura negra paulistana.

Juro que eu vi: as reuniões do Centro Cívico Palmares nos anos 20; o primeiro baile da Chic Show; as aulas anti-Gilberto Freyre de Florestan Fernandes na USP; o DJ Marky Mark tocando na Toco; a fundação da escola de samba Primeira de Barra Funda em 1936; o programa do DJ Rappin’Hood na rádio comunitária de Heliópolis; as aventuras de Macunaíma, antes de passar pela fonte; os discos de platina dos Racionais; a briga entre facistas e socialistas na Frente Negra, antes do Estado Novo; o manifesto de araque de Germano Matias; a mudança de Jorge Ben, que deixou o Rio de Janeiro por São Paulo; a eleição de Celso Pitta; o primeiro número da revista Raça; e mais, muitas imagens a mais. A pista de dança da Noite da Nostalgia era a síntese de todos esses momentos contraditórios, dessa história paralela da cidade. Não era uma explicação, nem exatamente uma celebração: era mais uma demonstração - sem julgamentos morais - de força e “tradição”.

Gostaria de ver os “nostálgicos” do Green Express dançando Esquenta Barracão, para mim a maior demonstração de força negra paulistana contida no primeiro disco solo de Leandro Lehart. Só um sambista de São Paulo poderia cometer esta ousadia: transformar o barulho hardcore-mangue do Sheik Tosado na harmonia de um perfeito samba-soul que vai empolgar, ao mesmo tempo, os fãs de Bebeto e os fãs de Teddy Riley (produtor magnífico do Guy e do Blackstreet), além dos fãs das cordas da Love Unlimited Orchestra. A letra, que parecia irônica ou metafísica quando gritada por China (o cantor do Sheik Tosado), passa a ser absolutamente adequada na voz popular de Leandro Lehart, o líder do Art Popular e da nova arte musical popular brasileira. Afinal, quem mais pode cantar com propriedade que “no samba quem manda sou eu”?

Os defensores do samba-de-raiz podem tremer de raiva. Eles nunca acharam que o Art Popular faz samba. Mas Leandro Lehart se considera antes de tudo um sambista, e o público brasileiro sempre achou que sua música é samba. Quem tem a razão? Não vou dar a resposta explícita. O leitor pode fazer as contas: Leandro Lehart se tornou o compositor brasileiro que mais arrecadou direitos autorais em tempos recentes. Esse seu sucesso foi essencial para a nova popularidade nacional do samba, incluindo a volta do samba dito de raiz para as paradas e para o rádio. Então, quem mais do que ele hoje pode dizer que manda no samba? Sua intenção, ao cantar a música do Sheik Tosado, era a de fazer uma brincadeira. Porém, nunca vi brincadeira mais séria. O futuro do samba brasileiro vai ser o que Leandro Lehart, e sua turma de músicos e fãs, mandar.

E Leandro Lehart manda de tudo. Sua produção para o Art Popular indica uma inquietação sambista da melhor qualidade. Seu samba se mistura ao ragga, ao gospel, ao hip hop, ao samba carioca e ao samba-reggae de Salvador. Seu samba nunca foi uma música que só pode viver do culto de uma tradição já pronta e terminada, mas sim um

laboratório incentivador das mixagens rítmicas e experimentações sonoras que sempre marcaram a obra dos bons sambistas, os verdadeiros bambas, mesmo os que hoje são venerados como os inventores da “raiz”.

A escolha do samba pelo Art Popular não foi uma decisão mercadológica: foi a única opção possível. Seus componentes são produtos típicos da história do samba paulistano, em sua variante mais recente. Seus criadores iniciaram a vida trabalhando como office-boys e tocando nos pagodes que eram realizados nas quadras das mais importantes escolas de samba da cidade, acompanhando gente como Jovelina Pérola Negra e Zeca Pagodinho.

Não gostavam só de samba: ouviam rock brasileiro, é claro, mas tinham maior afinidade com outra herança negra da cidade: aquela que girava em torno dos bailes soul, sobretudo os organizados pela equipe Chic Show, onde a música dos blacks norte-americanos nunca combateu o amor pelo samba, muito pelo contrário. Tanto que até hoje os bailes de rap, os que acontecem na periferia da Grande São Paulo, sempre incluem uma sessão de pagode. O público, contra as doutrinas de gostos musicais segregacionistas, dança os dois estilos com a mesma empolgação, como se os Racionais fossem produto dos mesmos anseios que também criaram o Art Popular ou que são sintetizados na nostalgia do Green Express (onde uma camiseta dos Racionais também faz parte do código de elegância).

Sollo é, antes de mais nada, um disco de um sambista paulistano que gosta de funk. Um funk diferente daquele que é adorado pelos fãs de rap paulistano. Leandro Lehart se interessa por uma outra linhagem da soul music, aquela que já foi traduzida para brasileiro por Tim Maia, Hyldon, Cassiano e Banda Black Rio, mas que hoje – nos

Estados Unidos – incorpora a “arte do barulho” futurista do hip hop no formato da canção-ideal-para-se-ouvir-em-qualquer-rádio. Em discos de grupos como TLC ou Blackstreet, o hit pop perfeito se equilibra sobre uma intrincada base de detalhes sonoros que, se isolados, poderiam ser lançados em qualquer compilação de música eletro-acústica. Mas a estranheza está sempre a serviço da familiaridade, da melodia que possa encantar multidões.

Leandro Lehart já provou que sabe encantar multidões, e que também sabe incluir pitadas de estranhamento no mundo do samba romântico. Em Sollo, ele toma distância do seu padrão sambista habitual – daí a importância da sua aliança com Max de Castro - abrindo espaço para experimentações mais evidentes, brincando com os limites daquilo que é radiofônico hoje no Brasil.

Essa estratégia fica bem clara em Navio, onde a composição de Djavan é submetida a um beat quebradão, herdeiro das invenções de Timbaland, outro gênio da produção do soul contemporâneo. Ou nas pequenas surpresas que se sucedem em outras faixas: as viradas lounge de Pode Esperar; os versos ciberneticamente quase amontoados de Ela Disse Assim; a complexidade da colagem do backing vocal de O Beco (sobre aquele órgão “Madalena”).

Mas esse soul chic não é a origem tudo, não é tudo. Leandro Lehart, com Sollo, quer apenas dar um pequeno exemplo da variedade de sua criação musical e de suas intenções futuras. Ele gosta de Sheik Tosado, mas gosta também de baladas quase new-age, de letras de Serginho Meriti (“é como se a gente virasse poeta/ e arrancasse palavras de dentro do peito”) e tem a coragem de cantar os versos de Pode Esperar, onde declara ser “mulher que encara um desacato”.

Encara mesmo? Leandro Lehart é muito ambicioso: o samba-soul de Sollo, como o samba romântico do Art Popular, é uma música de bravos desacetos estilísticos e múltiplas personalidades, que parte de uma experiência tipicamente paulistana mas quer – talvez justamente por ser tão tipicamente paulistana – conquistar o mundo, todos os mundos ao mesmo tempo.

Por isso, o território habitado por Sollo quer ser muito maior que a pista de dança do Green Express. E quer ser muito mais do que a síntese da São Paulo afro-descendente. Teria que incluir outras imagens - muito mais arriscadas porque tão mais disparatadas - para descrever todas as São Paulo que também me parecem contidas na heterogeneidade de Sollo: os desfiles do Morumbi Fashion; o açaí dos surfistas da Faria Lima; o jardim de Tom Zé; a decoração do Spot; o fast-food árabe do Habib's; o estacionamento de moto-boys do lado do Teatro Municipal; as clientes da Daslu; a redação da Ilustrada; as galerias da 24 de Maio; o Centro de Tradições Nordestinas; o circuito das agências de publicidade (exportando o sotaque paulistano para todo o Brasil); os estúdios do SBT; os karaokês coreanos; São Paulo SP da Fernanda Abreu; Sampa de Caetano Veloso; e mais, muitas possibilidades a mais.

Leandro Lehart não pode ser isso tudo, ou o porta-voz disso tudo. Não estou dizendo que ele é a mais perfeita tradução de São Paulo depois de Rita Lee. Até porque pode ser que São Paulo – vou logo deixando claro: cidade que adoro - não precise mais de nenhuma tradução.

Será? Se os métodos de Sollo forem aplicados no próximo Art Popular, São Paulo pode até continuar a ser perfeitamente intraduzível, mas vai estar mais próxima do que nunca da criação de sua mais “autêntica” e necessária música urbana.